



Editorial

Dossiê Lugares da Escuta e Escritas de Ouvido

Nos últimos anos, é cada vez mais frequente a emergência do tema da escuta. Escritores, poetas, artistas, pesquisadores e ativistas aliam-se a coletivos urbanos e rurais, reivindicando ora o direito de serem ouvidos, ora a escuta como um modo de atuação diante de um quadro político cada vez mais surdo às demandas sociais. Com este número da **Eutomia** pretendemos avançar o debate sobre os estudos da escuta como um campo multidisciplinar voltado para o pensamento e as práticas advindas da recepção auditiva. Propomos pensar a escuta no âmbito da literatura (nos seus vários gêneros literários e em diversas tradições linguísticas), no âmbito da tradução como um modo de fazer ouvir a língua estrangeira na sua própria voz e da etno-anthropologia enquanto território de ações audio-escutadoras ativistas.

Neste número da **Eutomia**, as contribuições sobre **lugares da escuta e escritas de ouvido** dialogam com e problematizam teorias pós-coloniais e decoloniais; repensam os legados da escravatura, do colonialismo e do imperialismo, que continuam a ressoar e a ter impacto nas identidades e memórias pessoais e coletivas; e consideram as reverberações estéticas, éticas, filosóficas, psicanalíticas, políticas e ecológicas do imaginário.

Algumas das questões abordadas, e respondidas pelos ensaios aqui reunidos, incluem: O que quer e o que pode a escuta? Qual o agenciamento de uma posição de escuta? Qual o modo de conhecimento advindo de uma posição de escuta? Existe uma estética específica nas escritas de ouvido? Como devemos entender o conceito de autoria a partir de uma posição de escuta? Como a escuta traz uma nova forma de

compreensão do(s) ato(s) de escrever/ler e abre horizontes de encontro entre escrita e oralidade, entre literatura e culturas de tradição oral? Qual a ação da escuta em contextos de guerra, violência e cativo; em movimentos de revolução e descolonização; e em processos de transição política? Quais os deveres éticos e políticos das testemunhas de ouvido? Qual o papel da escuta e das escritas de ouvido na luta contra o racismo, a xenofobia, a misoginia e a discriminação nas sociedades contemporâneas? Como devemos escutar os silêncios nas sociedades pós-imperiais e pós-coloniais e como podemos interpretar as memórias auditivas inseparáveis das emoções e dos traumas? Como a literatura e a etnografia nos ajudam a compreender o desenvolvimento de uma poética da audição que se move numa direção não-humana e assume uma dimensão planetária?

Reunindo catorze artigos, o dossiê abre com o artigo de William Mullaney sobre as práticas da escuta xamânica Yanomami e o seu vínculo com a ecologia da Floresta. Trata-se de um modo de ser-com, e de *virar outro*, via transformação do corpo pela imitação das vozes animais e dos *xapiri*. O texto mostra que a escuta é parte fundamental do projeto cosmopolítico de Kopenawa e da luta coletiva em defesa da Floresta; por isso, anuncia: “*Ultimately, the call to listen is a call-to-arms*”.

Amilton Pelegrino de Mattos, em “Os brancos ouvem a fala da terra?” **lugares da escuta e escritas de ouvido**, apresenta o projeto realizado com as etnias Hunikui, Nukini, Apurinã, Nawas, Apolina Arara e Katukina, no curso de Licenciatura Indígena, da Universidade Federal do Acre. Para ouvir a fala da terra é preciso um outro conceito de escuta. Passando por Guimarães Rosa, Foucault, Lévi-Strauss, Viveiros de Castro, Prigogine, Stengers, e Kopenawa, o autor indaga de que modo a experiência acadêmica indígena impacta o projeto de universidade na floresta e nos desafia a pensar outros conceitos de língua e de linguagem.

O dossiê prossegue com o texto de Roberto Zular, “Complexo Oral Canibal”, que propõe indagações sobre voz, escuta e poesia a partir da boca como orifício que enuncia (e esvazia) o ego. O canto Araweté, o ritual antropofágico e os poemas de Herberto Helder levam-no a pensar “a voz como uma potência de escuta” e o “como como” em vozes humanas e não-humanas, que ressoam “um devir-outro do eu”. Texto com várias dobras, nele se pensa “a arte da escuta” e sua “diferença”.

Em “Sobre a tradutibilidade da forma de escuta nas artes verbais”, Hugo Simões analisa a escuta em suas implicações com a tradução e reúne uma instigante série de conceitos de diferentes proveniências, como a arqueoacústica e a etnopoética. A partir do conceito de rememoração, o autor pensa a relação entre magia e performance nas formas poéticas e aproxima a tradução da ideia de sotaque.

Das artes verbais indígenas e suas múltiplas ressonâncias, passamos para a escuta dos cantos nas diásporas afro-brasileiras, portuguesa, angolanas e sertanejas. Em “Escutas partilhadas”, Sérgio Bairon e Marília Librandi propõem um diálogo entre a tradição das Coroações de Reis Congo, nas festas de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais, e a literatura de João Guimarães Rosa. De que modo o texto de Rosa ressoa os cantos e sons da congada e de que forma as falas de Zé da Ernestina e as cantorias na região reverberam o histórico de abundância e superação de dores afro-atlânticas históricas, que o ritual encena e que a escrita de Rosa reelabora em pleno sertão?

Seguindo a discussão sobre as tradições orais e literárias, chegamos à canção. O artigo “‘Asa Branca’ no tempo e na voz de Caetano: a ditadura militar e o exílio como lugares de escuta”, de Pedro Paulo Salles, faz-nos ouvir, com delicadeza e rigor interpretativo, as diversas gravações do clássico “Asa Branca”, convidando-nos a estabelecer nexos entre a história do sertão e o exílio de Caetano Veloso, quando a canção alcança a conjuntura política e existencial de um exílio sertanejo ressoante fora e dentro da canção.

Do sabiá de Gonçalves Dias aos papagaios angolanos e brasileiros de Jorge de Sena, o artigo “Acordar os vizinhos: sobre os exílios de Jorge de Sena” desmantela a tese de que a obra seniana se afiguraria a uma “sinfonia do exílio”. André Corrêa de Sá propõe uma descrição aural da experiência de vida do escritor no Brasil e nos Estados Unidos. O seu artigo pensa o êxodo a partir da ambiência sonora de Portugal ressoante na obra literária do escritor (da poesia, à prosa narrativa e ao seu extenso epistolário).

Das partidas, chegamos ao retorno como outro lugar de escuta. Em “Sound and Decolonization: The Enduring Resonance of Loss in Dulce Maria Cardoso’s *O Retorno*”, Isabel A. Ferreira Gould examina representações literárias de práticas aurais neste romance de 2011. O artigo centra-se nas temáticas da escuta, da memória e da

paisagem sonora do fim do império africano, mais concretamente durante a descolonização de Angola, que culmina no retorno de colonos ao Portugal pós-imperial. Segundo a autora, o enfoque na escuta e na longa ressonância da perda revela o processo complexo e prolongado de descolonizar identidades portuguesas.

Por seu turno, Patrícia Martinho Ferreira analisa, em "Sounds of Portuguese Democracy: 'Portugal' as a contemporary reality", a dimensão aural da experiência pós-colonial portuguesa na prosa ficcional de António Lobo Antunes, Aida Gomes e Djamilia Pereira de Almeida. Martinho Ferreira defende que a escuta denuncia "um dos nós cegos da sociedade portuguesa democratizada", colocando em evidência os legados do colonialismo, o racismo estrutural, o silêncio e os obstáculos vivenciados por afrodescendentes no Portugal contemporâneo.

Lia Duarte Mota, em "Escrita ação, escrita corpo", investiga as noções de corpo presente e de escrita como corpo, ação política e ato de resistência no romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. O enfoque na análise deste romance recai na importância de se saber ouvir o corpo e de se vivenciar o mundo através da escuta. A autora argumenta que "é pela escuta que a protagonista Macabéa ganha corpo e deixa sua marca no mundo".

Em "Medo invisível: os domínios do sonoro em Lovecraft", Márcio Roberto do Prado e Clayton Henrique de Melo Silva refletem sobre o sentido da audição na obra do escritor norte-americano Howard Phillips Lovecraft, procurando compreender como este autor de narrativas de fantasia e de ficção científica recorre ao sonoro enquanto elemento diegético que faz parte integrante dos processos narrativos da construção do medo.

Luiza Milano e Mélangy Dias da Silveira convidam-nos a pensar na função da escuta para a clínica de linguagem a partir de uma leitura de contribuições da linguística saussuriana. As autoras do artigo procuram responder às seguintes perguntas: "o que é a escuta? Qual a especificidade da escuta na clínica da linguagem? De que maneira este conceito auxilia a reflexão acerca do processo terapêutico?"

Em "Os adolescentes falando: entrevistas, diários de campo e o papel do pesquisador enquanto ouvinte", Vanderlei Silva, Vilela, Batista de Oliveira e Vicente da Silva, propõem uma reflexão epistemológica sobre o papel do pesquisador enquanto ouvinte durante entrevistas e observações participativas feitas no contexto

de um projeto interdisciplinar sobre identidades de adolescentes em Recife. Concluem os autores deste artigo que a escuta gerou “conversas nas quais as partes envolvidas se influenciaram mutuamente”.

Da escuta como chamado para a luta em defesa da floresta e dos saberes indígenas, que inicia este dossiê, aos cantos de exílio e retorno em diversos lugares de escuta, chegamos ao final, prontas para ouvir o chamado das batidas. Em “A literatura exposta em grito: *a poetry slam*”, Miriane da Costa Peregrino apresenta-nos o percurso e a expansão da *poetry slam*, desde a Chicago da década de 1980 até os dias atuais em Angola, Moçambique e no Brasil. A autora historiciza esse movimento e a sua relação com a noção de *performance* segundo Zumthor. Como prática diaspórica, coletiva e herdeira das várias tradições orais, o *slam* aponta para um circuito literário que se constrói globalmente.

De modo semelhante, as **escritas de ouvido** e os **lugares da escuta** vêm se configurando como espaços de abertura para pensarmos nosso ser-com, em consonância com epistemologias, ecologias e cosmopolíticas ancoradas em movimentos anticoloniais, antifascistas, antirracistas. Sigamos. Ecoantes na ação da escuta.

~*~

Após essa formidável demarcação de lugares, de encontros, pensamentos e ações, cedemos vez àquela produção que emerge dos dutos do próprio sistema que nos serve de veículo, e nos garante movermo-nos em perpétuo fluxo. Os autores são em grande medida os próprios leitores dos textos que, nas diversas colunas, foram depositados por outros autores, vem dos que inscrevem sua produção – seus contos, traduções, poemas, ensaios, e todos os gêneros que, cabendo nas ‘colunas’ –visam garantir o motto contínuo da aventura na linguagem. De Maycon da Silva Tannis, por exemplo, nos chega “Intuição Teórica / Antropologia Filosófica: O Arco Intuitivo de Luiz Costa Lima em busca da Mímesis”, longo arco figural em relação às suas perspectivas, pelo que se revela que o esforço costalimiano para a compreensão do fenômeno do literário, a partir de uma perspectiva kantianamente definida de intuição como suplementação do pensamento, se encaminha para uma Antropologia

Filosófica. Clarissa Paranhos, em colaboração com o seu orientador, Eduardo Wright, escava terreno semelhante. Com um olho em Michel de Certeau (mais especificamente o ensaio *História, Ciência e Ficção*) observa como a ficcionalidade particular ao discurso historiográfico por meio de uma aproximação a diversos campos do ficcional, notadamente ao que nomeia “ficção literária”. O artigo se propõe, portanto, a esclarecer o que o autor entende por “ficção literária” e de que modo esta opera na escrita da história. Eis então o nosso colunista mais fiel, Pedro Dolabela Chagas (UFPR/CNPq), com o tema que lhe é caro: “A mente e a evolução cultural humana: suas implicações para a teoria da ficção”, onde discute as funções que ativaram a evolução da ficção como prática cultural, observando-se como o seu processamento cognitivo permitiu que ela se estabilizasse como hábito individual e coletivo. Argumenta-se que os dois pontos se entrelaçam: a sinergia entre funções de grande apelo coletivo e um processamento cognitivo acessível que teria favorecido a popularidade e o sucesso histórico da ficção. De Oussamar Naouar (UFPE/Letras), “*De quoi Paulo Freire est-il le nom?*”, artigo que traz uma reflexão sobre a figura do pedagogo Paulo Freire e como ele atrai certas críticas virulentas. O autor se dedica a elaborar o espaço particular do pedagógico e como a sua pertinência reside mais em aspectos simbólicos que simplesmente instrumentais. A tese defendida é que o pedagogo é uma figura por definição paradoxal, remédio e causa de todas as frustrações, mas que mesmo assim, como consciência esclarecida, ele continua portador de esperança e de uma consciência que dá coragem a frente dos desafios infinitos da educação. Finalmente, Mario Sergio, dramaturgo, nos conta como, no início do século XX, os primeiros sinais de um movimento de proteção aos direitos do autor começam a se esboçar, o papel de Chiquinha Gonzaga nessa organização, até desaguar em algo mais consistente, a SBAT- Sociedade Brasileira de Autores, fundada em 1917.

Desejamos a todos e a todas uma boa leitura!

Marília Librandi (Princeton University)

Isabel A. Ferreira Gould (Universidade de Lisboa)

Sueli Cavendish (UFPE)

Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE)